

uepb

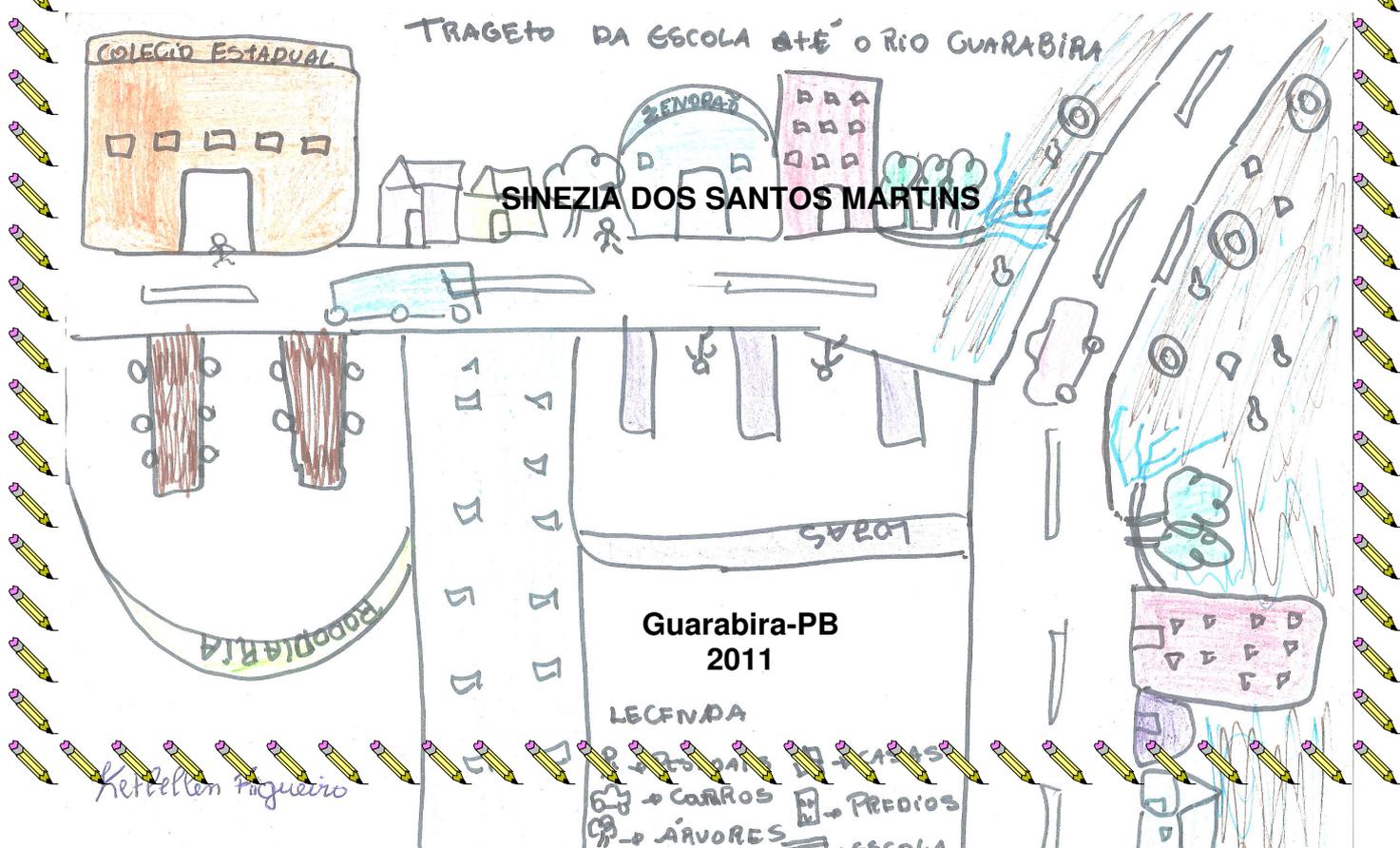
Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA  
Centro de Humanidades  
UEPB - Campus III

Centro de Humanidades "Osmar de Aquino"  
Departamento de Geografia  
Curso de Geografia

Linha de Pesquisa:

O Ensino de Geografia na Escola Fundamental e Médio.

**GEOGRAFIA E PAISAGEM NA ESCOLA:  
A IMAGEM COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE  
NOVOS SABERES**



**SINEZIA DOS SANTOS MARTINS**

**GEOGRAFIA E PAISAGEM NA ESCOLA: A IMAGEM COMO RECURSO  
DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Campus III, Guarabira- PB, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia, sob Orientação da Prof.<sup>a</sup> Me. Alecsandra Pereira da Costa Moreira.

**Linha de Pesquisa: O Ensino de Geografia na Escola fundamental e Médio.**

**Guarabira-PB**

**2011**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB**

M379g

MARTINS, Sinezia dos Santos

Geografia e paisagem na escola: a imagem como recurso didático para a construção de novos saberes / Sinezia dos Santos Martins. – Guarabira: UEPB, 2011.

53f.: Il. Color.

Monografia - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Alecsandra Pereira da Costa Moreira”.

1. Geografia - Ensino 2. Representações Gráficas  
3. Paisagem I.Título.

22.ed. CDD 372.891

**GEOGRAFIA E PAISAGEM NA ESCOLA: A IMAGEM COMO  
RECURSO DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES**

Por

**SINEZIA DOS SANTOS MARTINS**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia como cumprimento do trabalho de conclusão de curso.

Monografia aprovada em 02 / 12/ 2011, com nota: 9,5

**BANCA EXAMINADORA:**

Alexsandra Pereira da Costa Moreira

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Alecsandra Pereira da Costa Moreira  
(Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba – IFPB)

Edinilza Barbosa dos Santos

Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Edinilza Barbosa dos Santos  
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba – IFPB)

Yure Silva Lima

Examinador: Prof.<sup>o</sup> Ms. Yure Silva Lima  
(Professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

GUARABIRA - PB  
2011

Dedico esta obra aos meus pais, que tanto me incentivaram Severino José dos Santos Martins, e Severina dos Santos Martins e ao meu namorado Geovane Ferreira de Macedo que tanto me apoiou nos momentos de desanimo e duvidas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ter me dado saúde física e mental. Ele que é meu refúgio e fortaleza nos momentos difíceis da minha vida.

Quero agradecer aos meus pais, Severino José dos Santos Martins e Severina dos Santos Martins pela dedicação e pelo exemplo de amor que ajudaram em muito a definir o meu caráter. E também pelo incentivo e apoio em todos os momentos.

Ao meu namorado Geovane Ferreira de Macêdo pelo amor, paciência, respeito e apoio nos momentos de desânimo, dúvidas e por toda compreensão.

A minha Orientadora, Alecsandra Pereira da Costa Moreira cujo apoio, dedicação e objetividade científica foram fatores essenciais para atingir os objetivos propostos.

Agradeço aos professores, de modo geral por terem contribuído na construção do saber e por todas as palavras que desenharam no quadro de toda sabedoria que declararam em sala de aula.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo e amizade e a minha amiga Cássia Maria de Sousa pela amizade e palavras de otimismo.

Enfim, agradeço a todos que colaboraram de forma direta ou indiretamente, para o meu crescimento acadêmico e profissional.

**043-GEOGRAFIA**

**TÍTULO: GEOGRAFIA E PAISAGEM NA ESCOLA: A IMAGEM COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES**

**LINHA DE PESQUISA: O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**AUTORA: SINEZIA DOS SANTOS MARTINS**

**ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Me. Alecsandra Pereira da Costa Moreira (UEPB; IFPB)**

**EXAMINADORES: Prof<sup>a</sup>. Edinilza Barbosa dos Santos (IFPB)**

**Prof.<sup>o</sup> Ms Yure Silva Lima ((UEPB)**

## **RESUMO**

Este trabalho aborda de um tema de grande relevância para a sociedade atual, visto que debatemos sobre o tratamento das informações e as suas representações gráficas. Os diversos tipos de representações são cada vez mais imprescindíveis na transmissão, interpretação, análise e crítica dos fatos e fenômenos contemporâneos. Parece ser evidente que a representação gráfica, como linguagem universal, é extremamente eficaz para atenuar as barreiras linguísticas e culturais entre os povos e entre os indivíduos. Para a elaboração dessa monografia, utilizamos como referencial teórico-metodológico autores da Geografia e de áreas afins, a exemplo de: Almeida (1989), Claval (2001), Martinelli (2003), Santos (2004), Moraes (2005) entre outros. Esses autores nortearam todas as fases da pesquisa. Inicialmente realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a categoria paisagem e a forma de representações espaciais, em seguida, fizemos uma avaliação do livro didático de Geografia do 7º ano do Ensino Fundamental, utilizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho, que está localizada no município de Guarabira, Paraíba. Vale salientar que foram ministradas aulas nessa escola para entender como os estudantes interpretam e criam imagens acerca dos conteúdos disponíveis no livro didático. Para concluir fizemos uma análise sobre a percepção e cognição através da leitura da paisagem por meio de um trabalho de campo com estudantes. A partir da avaliação identificamos resultados bem significativos no que diz respeito a Geografia e ao entendimento da paisagem.

**Palavras-chave:** Representações gráficas. Paisagem. Ensino de Geografia.

**043-GEOGRAFIA**

**TÍTULO: GEOGRAFIA E PAISAGEM NA ESCOLA: A IMAGEM COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES**

**LINHA DE PESQUISA: O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**AUTORA: SINEZIA DOS SANTOS MARTINS**

**ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Me. Alecsandra Pereira da Costa Moreira (UEPB; IFPB)**

**EXAMINADORES: Prof<sup>a</sup>. Edinilza Barbosa dos Santos (IFPB)**

**Prof.<sup>o</sup> Ms Yure Silva Lima ((UEPB)**

### **ABSTRACT**

This work deals with a subject of great relevance to today's society, as discussed on the treatment of information and their graphical representations. The different types of representations are increasingly essential in the transmission, interpretation, analysis and criticism of the facts and phenomena. It seems clear that the graphical representation, as a universal language, is extremely effective to alleviate language barriers and cultural differences between peoples and between individuals. For the preparation of this monograph, we use as a theoretical and methodological authors of geography and related fields, like: Adams (1989), Claval (2001), Martinelli (2003), Santos (2004), Moraes (2005) among others . These authors have guided all phases of research. Initially we conducted a literature search on the landscape category and form of spatial representations, then made an assessment of the geography textbooks the 7th year of elementary school, used in the State School of Elementary and Secondary Education Prof. José Soares de Carvalho, who is located in the municipality of Guarabira, Paraíba. It is noteworthy that classes were taught in this school to understand how students interpret and create images about the content available on the textbook. Finally we did an analysis of perception and cognition by reading the landscape through field work with students. From the evaluation results and identified significant with regard to understanding the geography and landscape.

Keywords: Graphical representations. Landscape. Teaching Geography.

"O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção".

Paulo Freire

## **LISTA DE SIGLAS**

- ABNT- Associação Brasileira de Normas Técnicas
- INAF – Instituto Nacional de Analfabetismo Funcional
- PNLD- Programa Nacional do Livro Didático
- PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola
- MEC- Ministério da Educação e Cultura

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1: Representação gráfica: um recurso didático indispensável nas aulas de geografia</b> .....	13
1.1 Conceitos e tipos de representações gráficas.....	13
1.2 A importância das representações gráficas .....	18
1.3 O uso da imagem para a compreensão do espaço geográfico .....	20
1.4 A evolução do uso da categoria paisagem na Geografia na academia e no espaço escolar.....	22
<b>Capítulo 2: Os livros didáticos de Geografia no espaço escolar: entendendo a iconografia da paisagem</b> .....	26
2.1 Características Físicas da escola em análise .....	26
2.2 As condições pedagógicas da escola e o Livro Didático de Geografia.....	27
2.3 Representações gráficas no Livro Didático de Geografia.....	28
2.4 O livro didático e seus critérios de avaliação .....	29
<b>Capítulo 3: Percepção, Cognição e leitura de paisagens</b> .....	37
3.1 A percepção e Cognição .....	37
3.2 Resultados obtidos a partir das oficinas realizadas na sala de aula e nas aulas de campo .....	41
<b>Considerações Finais</b> .....	45
<b>Referências</b> .....	47
<b>Apêndice</b>	
<b>Anexo</b>	

## 1 Introdução

A Geografia escolar por vezes ainda se traduz pelo estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas, de forma dissociada do espaço vivido pela sociedade e das relações contraditórias de produção e organização do espaço geográfico (ALMEIDA, 1989). Para o autor citado anteriormente, os procedimentos didáticos adotados promovem principalmente a descrição e a memorização dos elementos que compõem as paisagens sem, contudo, esperar que os estudantes estabeleçam relações, analogias ou generalizações. A Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura e interpretação do espaço, do lugar, do território, da região e/ou da paisagem.

O ensino de Geografia pode levar os estudantes a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertencem, mas também de conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico (ALMEIDA, 1989).

A abordagem dos conteúdos da Geografia insere-se na perspectiva da leitura da paisagem, o que permite aos estudantes conhecerem os processos de construção do espaço geográfico. Conhecer uma paisagem é reconhecer seus elementos sociais, culturais e naturais e a interação existente entre eles; é também compreender como ela está em permanente processo de transformação e como contém múltiplos espaços e tempos, caracterizados na forma de rugosidades.<sup>1</sup>

Bem antes da Geografia se tornar uma ciência, o conceito de paisagem já era utilizado pelos povos da antiguidade e pelos artistas de maneira ainda subentendida.

---

<sup>1</sup> Entende-se por rugosidades o que fica do passado como forma no espaço construído-(SANTOS, ANO 2004, p. 140).

As reflexões conceituais sobre a paisagem são estritamente geográficas. O conceito de paisagem é essencialmente polissêmico e dinâmico, já que ao longo da história do pensamento geográfico o conceito teve múltiplas interpretações, de acordo com a abordagem geográfica.

A noção de paisagem na Geografia nasceu sobre a observação de áreas visualmente homogêneas. Dentro da geografia alemã (XVIII), até os anos de 1940, a paisagem englobava o conjunto de fatores naturais e humanos.

Durante o século XIX, três estudiosos alemães se destacaram: Humboldt, Ritter e Ratzel. Sob o olhar do naturalista Humboldt, a paisagem era vista de forma holística, associada a um conjunto de fatores naturais e humanos.

Humboldt considerava que a observação da paisagem deveria ser contemplada com sentimentos. E Moraes (1983, p.43) diz ainda, que ele não se caracteriza como empirista porque conseguia aliar o trabalho empírico ao abstrato.

Com Carl Ritter, em “Geografia comparada”, a paisagem não se constituía no principal objeto de estudo, porque ele considerava que os fenômenos nelas existentes, criados pela sistematização, ocorreriam nas diversas regiões.

Friedrich Ratzel, em seu livro *Antropogeografia*, de 1880, apresenta o conceito de paisagem de forma diversa, porque inclui primordialmente a cultura na paisagem, embora proponha uma concepção limitada da cultura (influência darwinista) ao confundi-la com os artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço (CLAVAL, 2001).

O conceito de paisagem é dividido em natural e cultural por autores acadêmicos, além do caráter transtemporal que todos os autores trabalham, ou seja, a paisagem é um processo cumulativo, de heranças socioterritoriais e sociogeográficas, onde se encontram elementos do passado e do presente.

As paisagens e suas origens, evoluções e características são representadas de várias formas na atualidade, sejam elas consideradas como representações espaciais, sociais e/ou mentais. Entretanto, nem sempre os profissionais da educação e os estudantes estão preparados para percebê-las e interpretá-las de forma correta.

Nos dias atuais, um dos requisitos para a formação dos cidadãos está na organização e manipulação de dados encontrados em gráficos veiculados nos meios de comunicação. Esta organização e manipulação têm exigido uma

percepção mais crítica do leitor, uma vez que no mundo moderno, os meios de comunicação de massa, escrito e visual, utilizam de forma freqüente gráficos sobre os mais variados assuntos.

O domínio da linguagem gráfica também se faz necessário para a superação da dicotomia entre construção e interpretação. Assim,

o domínio da linguagem gráfica refere-se à capacidade de leitura dos dados presentes em um gráfico, permitindo que a pessoa leitora consiga interpretar os dados e generalizar a informação nele presente. Dessa forma, existe uma evolução para a compreensão das pessoas sobre diferentes formas de representação. (CURCIO, 1987 *apud* LOPES, 2004, p. 190).

Existe a necessidade de saber trabalhar com coleta, organização, elaboração e interpretação de gráfico desde o ensino fundamental até o médio. Os gráficos fazem parte dos conteúdos escolares, uma vez que a escola é responsável pelo ensino de conhecimentos desenvolvidos pela sociedade nos espaços ao longo do tempo. Nesta perspectiva, analisaremos o uso de representações gráficas como recurso didático nas aulas de Geografia, realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho, que está localizada no município de Guarabira, Paraíba.

No primeiro capítulo dessa monografia abordamos o conceito, tipos e importância das representações gráficas, o uso da imagem como instrumento de compreensão do espaço geográfico e a evolução do uso da categoria paisagem na geografia da academia e do espaço escolar.

No segundo capítulo fizemos uma reflexão sobre os livros didáticos de Geografia utilizados no Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho e as representações gráficas nos livros de geografia de forma geral. Mostraremos a definição de livro didático e seus critérios de avaliação. E como o mesmo é escolhido pela Escola. Identificamos também os tipos de representações gráficas encontradas no livro analisado.

E por fim, no terceiro capítulo trazemos a tona uma reflexão sobre a percepção, a cognição e as leituras de paisagens, juntamente com os autores que trabalham com os sentidos, signos e significados. Mostramos nesse capítulo os resultados obtidos a partir das oficinas realizadas na sala de aula e nas aulas de campo.

## *Capítulo 1: Representação gráfica: um recurso didático indispensável nas aulas de Geografia*

Neste primeiro capítulo faço uma reflexão sobre o conceito e tipos de representações com base em alguns autores como: Harley e Martinelli, sua importância, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais. O uso da imagem para a compreensão do espaço geográfico segundo Chauí, e a evolução do uso da categoria paisagem na Geografia, na academia e no espaço escolar segundo Moraes, Ratzel, Vidal de La Blache e Milton Santos.

### **1.1 Conceitos e tipos de representações gráficas**

A representação gráfica, também chamada de gráfico, é uma maneira mais agradável, atrativa visualmente e porque não, mais lúdica do que as tabelas, para demonstrar fenômenos físicos, econômicos, sociais ou temas diversos analisados. Ela permite uma visualização rápida e entendimento fácil.

Para facilitar o entendimento do leitor muitos escritores não dispensam a utilização de um bom gráfico acrescido de uma reflexão crítica sobre o mesmo. Podemos inclusive, formar uma opinião a respeito do tema em questão, tendo em vista que as grandezas absolutas e relativas estão todas apresentadas.

Existem vários tipos de representações gráficas, tais como: imagens, mapas, tabelas, gráficos, cartas mentais/cartas imagens, maquetes, plantas etc. Estas possibilitam uma melhor compreensão de temas que comumente são abordados pela disciplina, tanto no campo da geografia física como no Campo da geografia humana.

As imagens como, por exemplo, as geradas por sensores remotos são um importante material para a utilização em sala de aula, pois possibilitam o engajamento de professores e estudantes em projetos interdisciplinares, além de abrir um amplo leque de aplicações e usos na disciplina de Geografia através da observação direta das imagens e do seu mapeamento.

Já as imagens de satélite, atualmente, são fundamentais para se estudar os fenômenos espacializáveis na superfície da terra, e os profissionais da Geografia por se preocuparem com esses fenômenos, devem fazer uso desta importante

ferramenta. Entretanto, estes tipos de imagens não devem ficar restritas ao uso acadêmico, devem ser utilizadas no ensino da Geografia, posto que muitos conceitos e temas podem ser observados com esse recurso.

Vale destacar, que as imagens de satélite<sup>2</sup> podem ser utilizadas em outras áreas de estudo, e não é uma ferramenta exclusiva da ciência geográfica. O que devemos entender é que é importantíssimo saber ler e analisar imagens de satélite, pois deve fazer parte do ensino. Podemos analisar e identificar vários fatores com esse tipo de representação, tais como: as transformações ambientais, os impactos causados por fenômenos naturais, como as inundações, e a erosão do solo pela intervenção do homem, as queimadas, o desmatamento e a expansão urbana.



Figura 01: Imagem de Satelite da cidade de Gurabira.

Fonte: Disponível em: [www.maps.google.com](http://www.maps.google.com), acessado no dia 27 de setembro de 2011 as 22h e 30min.

Através de imagens é possível identificar lugares, conhecer aspectos naturais de uma determinada região, diferenciar o espaço construído pelo homem através da interpretação dos diversos elementos naturais e pelas alterações ao longo do tempo, sua modificação, organização e a atividade por ele desenvolvida.

---

<sup>2</sup> Aliás tive muita dificuldade de encontrar uma imagem de satélite da cidade de Guarabira, muitas das vezes eram imagens de difícil leitura.

A leitura das imagens desperta e aguça a capacidade perceptiva do ser humano, podendo trazer de volta lembranças de muitos fatos históricos e assim, fazendo os indivíduos entender determinadas transformações. As modificações gradativas do ambiente físico, histórico e cultural são constantes dentro da dinâmica urbana e rural.

Para entender essas dinâmicas os pesquisadores que estudam como o ser humano constrói a sua cultura buscam entender as características e identidades significativas dos povos, a partir da análise dos princípios, costumes, crenças, hábitos, arte e símbolos que dão formas particulares e singulares as estruturas geográficas e possibilitam a sua leitura através da iconografia da paisagem.

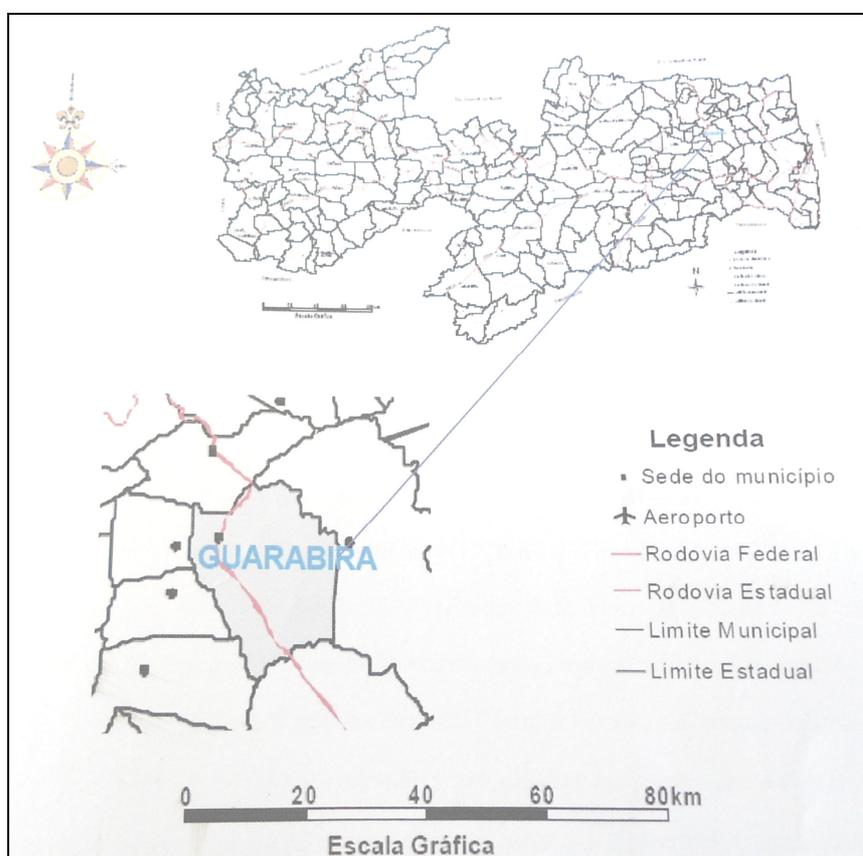
Como exemplos, na imagem seguinte podemos ver o centro da cidade de Guarabira, que é considerada como uma cidade pólo da microrregião de Guarabira, visto que se destaca nas relações estabelecidas com mais de 30 cidades, todas tendo um forte vínculo com o município, que conta com grandes redes de lojas vindas da Capital, bem como de outros grandes centros do País. Sua economia é baseada no comércio e na indústria.



Figura 02: Vista parcial da cidade de Guarabira, em 25 de março de de 2010. Foto: Gabriel Maciel Cândido.

Mas apesar das fotografias serem muito importantes para representar os lugares, nem sempre elas captam todas as informações necessárias para a compreensão espacial. Outra forma de representação se dá a partir da construção de mapas como uma forma de sintetizar idéias sobre o espaço geográfico. Esta é uma prática tão antiga como a própria civilização humana, sendo que esse tipo de representação gráfica é, bem anterior ao surgimento da própria linguagem escrita.

Segundo Harley (1989) os mapas sempre estiveram, ou pelo menos, o desejo de balizar o espaço sempre esteve presente na mente humana. A apresentação do meio ambiente e a elaboração de estruturas abstratas para representa-lo foram uma constante da vida em sociedade, desde os primórdios da humanidade até os nossos dias (vide mapa 1).



Mapa 1: Mapa de acesso rodoviário da Paraíba-CPPA- Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea (BANDEIRA, 2007).

Os mapas devem ser uma representação da realidade e sua leitura não pode exigir do usuário, amplos conhecimentos da técnica cartográfica, ou seja, o uso deste instrumento visa à observação indireta de fenômenos geográficos por meio de representações gráficas, isolando objetos distintos através da percepção visual

seletiva - cor, tamanho, textura, forma, padrão, sombra e localização (MARTINELLI, 2003). Os estudantes podem mapear o espaço por meio de imagens e fotografias selecionando elementos de interesse temático.

Também através de tabelas podemos analisar os mais variados assuntos, através de uma leitura linear de dados, tendo a capacidade de fazermos uma análise ,interpretação e comparação de dados.

Outro instrumento é o mapa mental<sup>3</sup>, onde as imagens situam-se no campo do indivíduo, nas dimensões comportamentais associadas a uma psicologia do espaço. Ele possibilita ao professor criar uma síntese das possibilidades para um melhor entendimento dos estudantes acerca de sua realidade, estimulando as discussões sobre os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares.

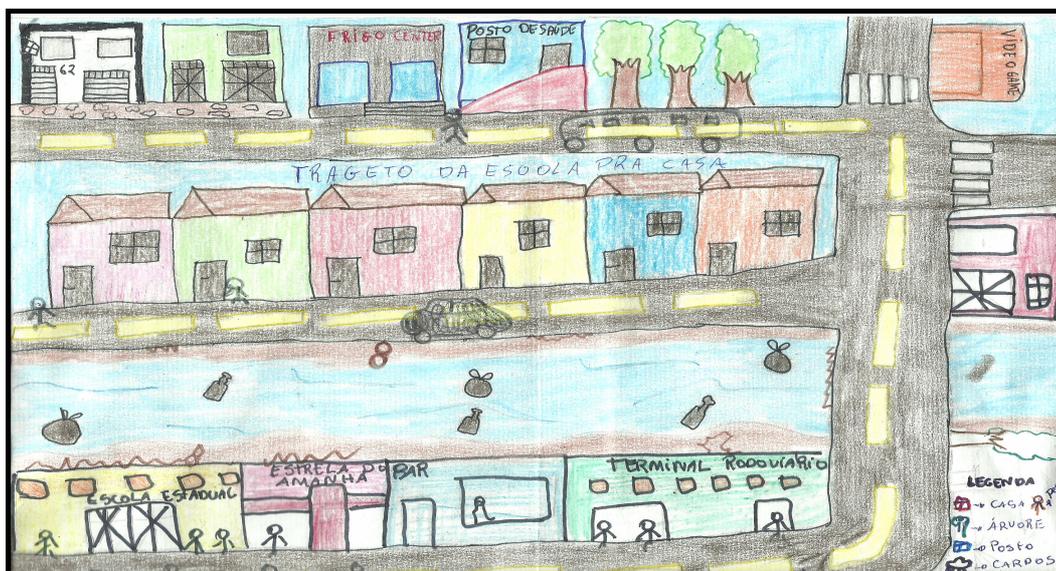


Figura 3: Mapa Mental do trajeto de casa até a escola em que estuda. Fonte: Oficina realizada na escola. Elaboração: Jean Richarles do 7º ano do ensino fundamental.

Muitos professores associam atividades de construções de mapas mentais à elaboração de um croqui, que é um desenho, um esquema rápido, utilizado pelos geógrafos desde a Geografia Clássica nos trabalhos de campo para a explanação dos fenômenos e dos processos físico-naturais e humanos. O uso da fotografia não substitui o aspecto pedagógico da elaboração de um croqui por observação direta

<sup>3</sup> São representações mentais, que cada indivíduo possui dos espaços que conhece. Este conhecimento é adquirido de forma direta (através de percepções dos lugares que lhe é familiar, os espaços vividos) ou indireta através de leituras, passeios e informações de terceiros (revistas, livros, jornais, televisão, rádio, etc.). (NOGUEIRA, 1994).

ou com base em fotografias frontais aéreas. Os croquis de síntese ainda são parte importante na formação de estudantes, professores de Geografia e pesquisadores.

## 1.2 A importância das representações gráficas

Nos dias atuais com a pós-modernidade<sup>4</sup> um dos requisitos para a formação dos cidadãos está voltado à organização e manipulação de dados encontrados em representações gráficas veiculados nos meios de comunicação.

A representação gráfica se revela na comunicação visual através de gráficos que permitem com que as pessoas façam uma análise sobre os mais variados assuntos, tantos fenômenos físicos, econômicos e sociais, que podemos encontrar em jornais, revistas, manuais escolares e nas apresentações públicas. Ou seja, as representações gráficas são uma forma mais atrativa e rápida de analisarmos fenômenos que provavelmente seria difícil e cansativo explica-los em forma de texto.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Matemática (BRASIL, 1997) é importante que o estudante saiba trabalhar com coletas, elaboração, organização e interpretação de gráfico desde o ensino fundamental. Sabemos que os gráficos fazem parte dos conteúdos escolares, de forma disciplinar e interdisciplinar, uma vez que a instituição escolar é responsável pelo ensino de conhecimentos desenvolvidos pela sociedade ao longo da história.

Os PCN's de Geografia dizem que a leitura, análise e interpretação dos códigos específicos da geografia (mapas, gráficos, tabelas, etc.) são elementos de representação de fatos e fenômenos espaciais ou especializados, ou seja, analisar um assunto de forma ampla ou específica. Entender esses códigos é reconhecer e aplicar as escalas cartográficas, que são representações gráficas (convencional ou digital) dos elementos físicos e culturais presentes nos fenômenos naturais e humanos. Reconhecer os fenômenos espaciais a partir da seleção, comparação e interpretação, identificando as singularidades ou generalidades de cada lugar,

---

<sup>4</sup> “O termo “pós-modernidade” encontra-se ligado à significação de “modernidade”, até por que não faria sentido ser “pós” alguma coisa que não se sabe o que é”. O “pós-moderno” representa alguma espécie de reação ou afastamento do “moderno”. Contudo, não basta apenas a análise do conceito de modernidade, pois o próprio prefixo “pós” articula problemáticas situadas em diversas áreas. Krishan Kumar chama à atenção que o prefixo “pós”, de “pós-modernidade”, é ambíguo: pode significar um novo estado de coisas, no sentido do que vem depois; ou pode ser usado como o *post* de *post-mortem*, sugerindo fim, término. “(CHEVITARESE, L. 2001 p 03)”.

paisagem ou território. Podemos utilizar a Cartografia como ferramenta de estudo de uma paisagem que pode se trabalhar com a escala que é uma fração que indica a relação entre as medidas do real e aquelas da sua representação gráfica.

Sabemos que tanto os jovens como os adultos ocupam lugares diversos na sociedade e participam de diferentes grupos sociais. E que suas vidas são marcadas por vivências das quais foram adquirindo e construindo com o tempo os seus conhecimentos, valores, etc., mesmo assim participando de diversos grupos sociais e com a globalização muitas pessoas ainda não sabem manusear ou fazer uma simples análise de determinadas representações gráficas, isso é algo que deve ser incentivado e trabalhado nas escolas pelos nossos professores de maneira em que os estudantes saibam fazer uma análise crítica sobre qualquer assunto representado de forma gráfica.

Alfabetizar é um processo amplo e complexo, que implica não só na capacidade intelectual, mas também nos diferentes fatores de ordem social, emocional, física e psicológica do estudante/pessoa e requer dos educadores uma interação com todas as áreas para que os mesmos possam desenvolver suas potencialidades. Entretanto, isso não é suficiente, pois o domínio da linguagem gráfica também se faz necessário para a superação da dicotomia entre a construção e a interpretação. Assim, o domínio da linguagem gráfica refere-se à capacidade de leitura dos dados presentes em um gráfico, permitindo que a pessoa consiga interpretar os dados e generalizar a informação nele presente (CURCIO, 1987 *apud* LOPES, 2004). Algumas pesquisas, neste sentido, foram feitas com o interesse em descobrir as maiores facilidades e dificuldades das crianças e adultos para interpretar e construir gráficos e comprovaram que 32% da população entre 15 e 65 anos de idade no Brasil conseguem realizar atividades do cotidiano, tais como: ler preços, ver à hora e consultar o calendário, entre outras coisas, mas na sociedade moderna e globalizada em que vivemos estar alfabetizado não é suficiente para garantir o pleno exercício da cidadania.

Analisando os dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), D'Ambrosio (2004) afirma que, para que ocorra a alfabetização plena é necessário que os indivíduos possuam instrumentos comunicativos, analíticos e tecnológicos, que são conhecimentos adquiridos no contexto escolar e no cotidiano durante sua

vida. Sendo necessário que haja um direcionamento pedagógico para as diversas práticas sociais que envolvem as representações gráficas.

### **1.3 O uso da imagem para a compreensão do espaço geográfico**

Quando o estudante chega à escola, ele já tem a capacidade de observar e de certa maneira descreve o mundo em que vive. Essa forma de ler o cotidiano está totalmente ligada a Geografia. Por isso é importante que a escola dê condições para o estudante ampliar, reformular, rever e sistematizar as informações e ações que construiu de maneira espontânea, através dos conteúdos de Geografia.

A escola é fundamental quanto à ampliação, sistematização e reformulação do conhecimento, pois este é inacabado e está em construção ao longo da vida. A Geografia como leitura de mundo em que vivemos é uma construção gradativa, que ocorre na escola, e nos seus lugares de moradia trabalho e/ ou lazer na medida em que o estudante passa a observar e pergunta-se sobre o que é observado, descreve, compara, constrói explicações, representa e espacializa acontecimentos sociais e naturais de forma ampla, considerando as dimensões de tempo e de espaço.

O professor de Geografia precisa de uma ampla variedade de materiais que possibilitem que o aluno progrida em suas aprendizagens sobre o mundo e suas vidas, nas diversas paisagens que compõem esse mundo globalizado em que, o mesmo, tem um objetivo a ser alcançado que é ensinar de forma com que o estudante esteja não só preparado para um vestibular, mas para a vida.

As imagens têm um papel importante no estudo da Geografia, pois revelam às intencionalidades de quem as produziu, devendo ser contextualizadas e datadas. Promovendo situações que facilitem a aprendizagem do discente, pois sabemos que considerar a imagem como um material educativo é valorizar uma forma de linguagem que a população de certa forma tem acesso. Como exemplo de leitura de imagem, a paisagem mostrada pode ser descrita e analisada através do que podemos ver o tempo, o tipo de vegetação e o solo.

O uso de imagens dentro da disciplina de geografia é de fundamental importância e imprescindível, sendo um instrumento muito eficaz para auxiliar o professor em relação aos conteúdos a serem estudados pelos estudantes. Sabemos que a memória visual tende a ser mais eficaz para a aprendizagem,

sendo assim explica-se o uso deliberado de imagens em sala de aula, seja para iniciar um conteúdo ou tema gerador, ou simplesmente para ilustrar conteúdo que se passou de forma expositiva e teórica dificilmente seriam compreendidos pelos estudantes.



Figura 4: Imagem do centro da cidade de Guarabira no ano de 1964. Fonte: Centro de Documentação Cel. Pimentel

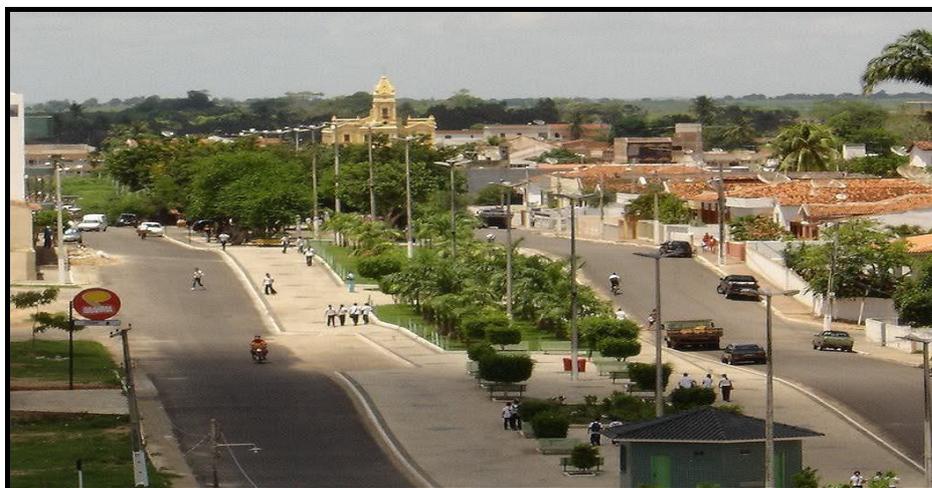


Figura 5: Imagem do centro da cidade de Guarabira no ano de 2011. Foto: Gabriel Maciel Cândido.

A leitura de imagem fotográfica tem objetivo de mostrar as mudanças significativas que interferem na dinâmica urbana e cultural do município de Guarabira/PB. Representando fragmentos de momentos históricos, culturais, políticos, sociais que de certa forma refletem a todo instante, nas imagens da cidade de Guarabira/PB, proporcionando ao leitor uma rica e infindável retrospectiva de um tempo mostrado pelas transformações, porém vivenciado por gerações e

gerações que possui uma inevitável perenização da memória cultural de cada um, onde o principal agente transformador é o próprio homem.

Na visão de Chauí (2002), a percepção se trata do produto final de um conjunto de sensações, ou seja, a percepção está para as sensações assim como uma variável está para uma equação, pois, mesmo sendo o resultado de um valor concreto e pré-estabelecido, ainda assim continua existindo como uma variável.

#### **1.4 A evolução do uso da categoria paisagem na Geografia, na academia e no espaço escolar.**

Pouco importante no período do positivismo, no século XIX, o interesse pela paisagem renasce no século XX, quer na biogeografia, quer na geografia humana, em associação com correntes críticas do positivismo. Enquanto aquela corrente tradicional continua a considerar a paisagem como uma parte da superfície da terra, na geografia humana vem acentuando-se a idéia da paisagem ser percebida, cada vez mais de modo subjetivo e elaborado.

A Geografia Clássica, principalmente a partir de autores como: Ratzel<sup>5</sup> (1880) em sua obra “Antropogeografia”, funda a geografia Humana, mesmo que com a perspectiva natural forte que este autor continha em sua formação e discurso. Assim a natureza aparece como elemento de determinação. Para ele, “[...] a natureza influenciaria a própria constituição social, [...] a natureza também atuaria na possibilidade de expansão de um povo, obstaculizando-a ou acelerando-a”. (MORAES, 2005, p. 69). Outro contemporâneo de Ratzel foi Paul Vidal de La Blache<sup>6</sup>, caracteriza o conceito de paisagem, embora de maneira diferente de Ratzel que trabalha com a idéia de que a paisagem é representada pelo

---

<sup>5</sup> “Nasceu em 30/08/1844. Entre 1885 e 1888 publicou os três volumes de sua segunda mais importante obra “As raças humanas”. Em 1896 edita “O Estado e seu solo estudados geograficamente” e em 1897, a sua obra mais polêmica, “Geografia Política”. É verdade que Ratzel tem como seu objeto principal de estudo “a relação de poder e a terra”, em outras palavras a formação do território. Vale ressaltar que Ratzel tem sua formação inicial universitária naturalista, por isso, ele sempre faz em seus estudos a relação do homem com “a terra”. É na sua formação inicial acadêmica que Ratzel e suas idéias se integram com as teorias evolucionistas darwinianas, contribuindo para a concepção do determinismo geográfico, um determinismo com base na relação entre o “ser” e “meio”. (GOMES, 1996, p.188).

<sup>6</sup> Podemos dizer que, na Geografia, Paul Vidal de La Blache (1845-1918) foi o principal representante da Escola Francesa de Geografia e defendia que o objetivo da ciência geográfica era o de observar as relações recíprocas entre o homem e o meio natural, estabelecendo comparações e classificações. La Blache é considerado o maior expoente do possibilismo, que sustenta a influência do meio sobre o homem, e considerando a Geografia como ciência natural.(ELIAS, 2006).

distanciamento dos elementos naturais e humanos. La Blache os aproxima estudando o caráter humano sobre o meio.

Ratzel utilizou o conceito de paisagem baseado na antropogenia, ou seja, considerando a paisagem como a dialética entre os elementos naturais e humanos. Para ele, o objeto geográfico era o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade.

O referido autor, diferentemente de Humboldt, utilizou o conceito de paisagem de forma antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, como os solos, os rios, etc., com os elementos móveis, em geral humanos (SCHIER, 2003).

É neste momento que a paisagem ganha um foco, mas substancial, pois o objetivo da Geografia para La Blache se baseia na relação homem natureza na perspectiva da paisagem (MORAES, 2005). Com isso, o homem deixa de ser um agente passivo e se insere no meio, transformando-o e sendo transformado, embora seja de acordo com a sua necessidade.

A Geografia Humana de La Blache, que foi concebida como o estudo da paisagem, não está centrada efetivamente na sociedade, pois discute a relação homem natureza e não a relação homem-homem (MORAES, 2005). E em alguns momentos, o conceito de paisagem confunde-se com o de “região”. Porém, o conceito de paisagem é atrelado à visão de unicidade – um fenômeno que ocorre uma só vez, sem se repetir; enquanto a região seria a expressão espacial da ocorrência de uma mesma paisagem geográfica (CORRÊA, 1991).

Metzger (2001, p. 4) conceitua a paisagem de uma maneira mais abrangente e propõe que a mesma seja definida como “um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas, sendo esta heterogeneidade existente para pelo menos um fator, segundo um observador e numa determinada escala de observação.”.

Troll (1971) citado por Metzger (2001) define Ecologia da Paisagem [...] na perspectiva geográfica, como “a entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem”, enquanto Turner (1989) citado por Metzger (2001) define Ecologia da Paisagem sob a perspectiva ecológica como “[...] o estudo dos efeitos da estrutura espacial da paisagem sobre os processos ecológicos”. A diferença básica entre essas duas abordagens está em qual ótica deve-se analisar os fatos, de um lado a

visão geográfica corroborada pelas ciências sociais e, de outro lado, uma visão bioecológica, representada pela Ecologia.

Posteriormente, surge a Geografia Crítica, por volta da década de 1970, em meio ao agravamento das tensões sociais, crise do desemprego, crise da habitação, problemas com questões raciais e etc. O materialismo histórico e a dialética marxista são os fundamentos dessa corrente, segundo Corrêa (1991). Essa corrente possui a “intenção de participar de um processo de transformação da sociedade, além da contestação do pensamento dominante” (BARROS, 2007 p.28).

O conceito de paisagem, assim como os franceses fizeram, perde espaço para o conceito de região e principalmente para o de espaço geográfico. Yves Lacoste foi o principal formulador da crítica à Geografia Tradicional quando escreveu o seu livro “A Geografia serve, antes de tudo, para fazer a guerra”, que fazia críticas à Geografia como instrumento de dominação da burguesia (MORAES, 2005).

Na década de 1980, com a retomada da geografia Cultural de caráter fenomenológico, faz-se uma crítica à lógica positivista. E a revalorização do conceito de paisagem acontece no sentido de que as transformações culturais são analisadas da perspectiva social, ou seja, a sociedade como transformadora e impregnadora dos seus signos/representações gerando a paisagem.

Para Sauer (1925) *apud* Correa & Rosendahl (1998, p. 59) “a paisagem é considerada, portanto, em certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica” [...]. “No sentido aqui empregado, a paisagem não é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais”. Mais uma vez podemos observar que Milton Santos confronta a idéia de Sauer. Ambos trabalham com o conceito de paisagem colaborando a idéia de paisagem cultural, porém Santos (2004) diz que a paisagem não possui esse caráter orgânico, pelo contrário é algo que pode ser sentido.

Com isso os livros analisados nesse trabalho serviram de subsídio teórico para a efetiva análise do conceito de paisagem, principalmente com as ideias de Milton Santos, representante da Geografia Crítica.

A paisagem é trabalhada como representação visível do espaço geográfico, incluindo as coisas que estão em movimento como as pessoas, carros, cores, ou

seja, a paisagem é um processo cumulativo, onde se encontram elementos do passado e do presente.

Outro modo de definir os componentes da paisagem é compreender o seu funcionamento, que se dá por meio do estudo do geossistema que prevê a existência da relação entre o **potencial ecológico**- representado pela geomorfologia, clima e hidrologia – e a **exploração biológica** – que é a utilização desses recursos pelos seres vivos (vegetação, fauna, solo e seres humanos). A figura 6 mostra esquematicamente essas relações.

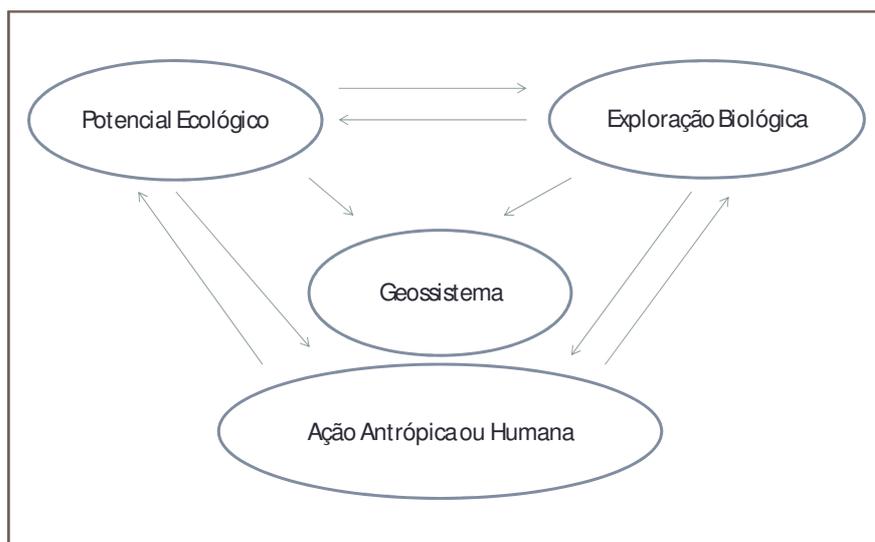


Figura 6- Esquema básico para o estudo da Paisagem. Organizado por: Sinezia dos Santos Martins.

No próximo capítulo trouxemos a tona a discussão sobre a questão dos livros didáticos de Geografia utilizados pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho. Neste, analisamos os tipos de representações gráficas encontradas e fazemos uma reflexão sobre o que é livro didático e seus critérios de avaliação, bem como o relacionamos com a forma de escolha do livro didático pela escola.

## *Capítulo 2: Os livros didáticos de Geografia no espaço escolar: entendendo a iconografia da paisagem*

Neste segundo capítulo abordo as características Físicas da escola em análise, sua condições pedagógicas e o livro didático de Geografia de forma geral, e sua representações gráficas com base nos PCNs de Geografia, os critérios de avaliação apontados pelo Programa Nacional do Livro Didático e sua escolha, segundo recomendações do Ministério da Educação e Cultura.

### **2.1- Características físicas da escola em análise**

A Escola em que aconteceu a pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof José Soares de Carvalho, fundada em 12 de dezembro de 1971, pelo governador Ernane Satyro na obra da secretaria de cultura. Que se localiza no centro da cidade de Guarabira, na Rua Henrique Pacifico nº 45-Primavera, que é administrada por uma gestora Alcineide Evaristo de Souza e pelos vices gestores Izineide Amorim e Josefa Paulo da Silva.



Figura 7- Secretária da escola.  
Fonte: Autora(2011)



Figura 8- Biblioteca da escola.  
Fonte: Autora(2011)

A Escola tem uma estrutura em boas condições, disponibiliza dezoito salas de aulas, uma cantina, dois banheiros (masculino e feminino) e uma secretaria, que funciona nos turnos manhã, tarde e noite, onde tem uma média de 2330 estudantes no geral. Sendo 1180 do ensino Fundamental e 1150 do ensino Médio. Com 72 professores sendo 40% temporário, 26 auxiliares gerais e 18 de apoio.

Também disponibiliza de uma biblioteca rica em obras literárias e livros didáticos em ótimo estado de conservação e bem atualizados e que são substituídos a cada quatro anos pelo programa do Governo Federal o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), onde são escolhidos pelos professores e analisados alguns critérios, como a linguagem adequada para o estudante e também conta com materiais de apoio tais como: televisão, retro projetor, DVD além de uma sala de informática equipada com doze computadores, mas infelizmente não funcionam por falta de manutenção. O laboratório de experimentos está completamente abandonado e servindo de depósito de livros velhos e usados e outros tipos de objetos.



Figura 9- Laboratório de Experimentos.  
Fonte: Autora (2011).



Figura 10- Laboratório de informática.  
Fonte: Autora (2011)

Tanto a biblioteca quanto a sala de vídeo são bem utilizadas pelos professores quanto pelos estudantes, em aulas diversas. Os livros são utilizados diariamente e os da biblioteca servem de apoio, todos bem conservados e organizados. Em muitas das vezes os professores levam os estudantes para fazer trabalhos com apoio dos livros disponíveis. Já no laboratório pude observar que os alunos não o utilizam por falta de manutenção.

## 2.2 As condições pedagógicas da escola e o livro didático de Geografia

A lousa e a caneta estão presentes na maioria das aulas ministradas pelo professor de Geografia [nada contra a lousa e a caneta<sup>7</sup>]. Na maioria das turmas

---

<sup>7</sup> Entendemos que a lousa e a caneta são ótimos instrumentos para o ensino aprendizagem, quando estes são utilizados no sentido de tornar visível o que se fala através de ilustrações e tópicos que auxiliem no entendimento dos conteúdos.